CANTOVIVÊNCIA: NARRATIVAS REFUGIADAS DE (RE)EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Sabrina Dias de Abreu (PROPED/UERJ)

Leonardo Souza das Neves (PROPED/UERJ)

Resumo

O trabalho proposto tem como objetivo refletir e buscar as narrativas de pessoas pretas, faveladas e refugiadas partindo da Cantovivência, na sociedade cisheteropatriarcal e branca que tenta nos padronizar e silenciar nossas narrativas e corpos. Quais corpos e narrativas são válidos? Quais as outras formas podemos contar nossas vivências? O estudo é alicerçado nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos e cantoviência. Pensando assim "Somos livre não importa em que lugar" (Leonardo Matumona e André Parisi), podemos observar tal movimentação nas cantoras, Bia Ferreira, Doralyce, Jup do Bairro, Bixarte dentre outras. Acreditamos nisso porque compreendemos que tais criações exibem estéticas de existência fundamentadas na recusa à conformidade, no questionamento, na denúncia e na imaginação de alternativas possíveis. “Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso, mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso”(JUP do Bairro). Pesquisa financiada com recurso da FAPERJ.

Palavras Chaves: Narrativas; Refugiados; Cantovivências; Resistência

Resumo Expandido

 Carta aberta à Sra. Vana Lay:

*Olá,*

 *Tive a oportunidade de assistir a homenagem feita para você e sua família no dia 24 de Janeiro de 2024, na UERJ, local onde sediou a I Conferência Estadual de Migrações, Refúgio e Apatridia. Recordo que na data faziam 2 anos da morte de Moise e isso me levou ao sentimento de revolta que me tomou em 2022 e me fez ir a manifestação organizada na frente do quiosque no qual Moise teve sua vida ceifada ao reivindicar o pagamento pelo trabalho realizado.*

 *Esse “luto”, não é somente seu e sim de Todes os ativistas que lutam contra a exploração e a opressão que sofre o povo negro, é o “luto” transformado em “luta” pela pauta dos refugiados, pela pauta dos desempregados, pela pauta dos corpos negros localizados no subemprego. Nos negros e negras, mulheres, LGBTQIA+, amargamos nesta sociedade a destribuição da renda de forma desigual e será necessário romper com esse contraste.*

*Nos encontramos na luta porque nascemos nela,
Um forte abraço,*

*Sabrina*

 O trabalho parte de uma carta destinada à Sra. Vana Lay, mãe do congoles refugiado Moise Kabamgabe[[1]](#footnote-0), para refletirmos de como a sociedade hegemônica (cisheteropatriarcal e branca) ainda tenta nos silenciar, marginalizar e objetificar nossos corpos/narrativas que não estão nos padrões estipulados por determinados grupos. Tais atravessamentos que sofremos com o racismo e preconceito social (KILOMBA, 2019) de toda ordem, nos faz pensar: Quais corpos podem transitar na cidade com segurança? Quais narrativas são consideradas válidas? Quais formas podemos narrar nossas histórias e memórias?

Na lacuna deixada pelo Estado e pela academia em relação às narrativas das pessoas refugiadas, negras e faveladas, é um reflexo do histórico da invisibilidade das vivências e culturas (ditas) marginalizadas.

A construção deste trabalho movimenta-se no ontem, hoje e no possível amanhã, nas durezas e na fluidez das narrativas, no céu e no inferno, na oralidade e na escrita, na música e na poesia. Entraremos nas vielas do fazer pesquisa, nas encruzilhadas das rememorações, nas lembranças do que fora esquecidos, na morte em vida.

 Ainda que tentem nos silenciar,

Eu não caminharei com medo. Não vão me ver no desespero. Nossa voz vai ecoar em cada beco. Nossa história é resistência salve o povo preto. Preto é apagado na história. Mas traz na memória os dias de rei. Fulni-ô ainda em conflito. Hoje morrem a tiros. Grito pra ninguém. Conta pra pagar. Banco pra dever. Sistema carcerário quer prender você. Escola sem partido SUS vai suspender. Não vai se aposentar trabalha até morrer. Vamos derrubar. Vamos derrubar o governo (DORALYCE, 2020)

 Neste trabalho, tentaremos buscar por meio da música as experiências de pessoas pretas, faveladas e refugiadas. Propondo assim, uma reflexão sobre quais narrativas estão sendo produzidas como forma de resistência. Na combinação entre música e narrativa, visando contar nossas (re)existências e desafiar as normas estabelecidas por meio de intervenções artísticas. Essa fusão única entre arte e ativismo oferece uma abordagem para abordar questões críticas em nossa sociedade contemporânea.

 Para analisarmos tais propostas, utilizaremos a cantovivência (VILLANOVA, 2019).

Muitos afirmam que há algo diferenciador no canto negro, diversos críticos musicais ao longo dos anos afirmaram questões como timbre e capacidade vocal, diziam e tantos ainda dizem que dá para saber quando o canto tem como origem um corpo negro. Acredito que a análise deva ir além do corpóreo, além do que se ouve e se percebe ao ouvir um canto, elementos além do físico fazem parte desse todo que é admirado nos quatro cantos do mundo. A vivência vaza e aqui relembro o conceito “*escrevivência′′* (ou a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo) de Conceição Evaristo para propor o “*cantovivência*”, que é o canto-reflexo de uma vivência exclusiva de certos corpos, nesse caso, negros. Gilberto Gil, cantor negro e baiano, por meio de sua rede social afirma: *“Se eu não fosse negro, não faço a menor ideia de que artista eu seria. Ser negro, culturalmente negro, me dá uma relação com a música, com o ritmo, com o mundo religioso, com tudo que eu não teria não sendo negro. Seria outro, outra pessoa′′*. Declaração na plataforma digital Twitter, no dia 20 de novembro de 2019. Dia da Consciência Negra. (VILLANOVA, 2019, p. 16, grifo do autor).

A cantovivência será entendida como uma outra forma de possibilidades para narrar nossas vivências e dos nossos, pois o conceito estrutura-se na Escrevivência de Conceição Evaristo (2020).

Cantovivenciar as memórias dos nossos corpos com suas marcas e feridas, alegrias e aflições, conquistas e seus custos imposto por políticas neoliberais. Pois, “Diferentemente dos membros de classes sociais mais abastadas que podem mudar-se tão logo a situação se lhes torne insuportável” (Bourdieu, 2008). Nos baseamos na diferença entre ser um turista (legalizado) e um refugiado (ilegal), a migração clandestina retira direitos básicos, como renda, educação e saúde. O refúgio é fruto da exploração causada pelos acordos financeiros que países imperialistas estabelecem entre si, “repartem” o mercado de venda, enquanto isso os países colonizados amargam com as consequências brutais. Nesse sentido, analisar as estratégias empregadas por pretos, favelados e refugiados criam para possibilitar uma compreensão profunda das formas de resistência e mobilização social que emergem desses contextos. A invisibilidade e sub-representação histórica das vozes negras e faveladas é um problema persistente que perpetua desigualdades estruturais.

A urgência de “ampliar” a voz e a visibilidade às narrativas, muitas vezes interrompidas ou silenciadas por forças maiores e pela marginalização social, é um imperativo para a construção de práticas formativas de resistência e reexistência. Diante desse contexto, este trabalho se fundamenta na necessidade de explorar e compreender as cantovivências contadas por esses grupos como espaço de expressão, resistência e formação.

O estudo é alicerçado nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos (CERTEAU, 2012; ALVES, 2015). “Ao narrar uma história, eu a faço e sou um *narradorpraticante* ao traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegam até mim, neles inserindo, sempre, o fio do meu modo de contar” (ALVES, 2015, p. 147).

Para Certeau (2012), "o homem ordinário" inventa o cotidiano graças às “artes de fazer”, ou seja, as práticas, as táticas e as astúcias pelas quais o ser humano altera objetos e códigos do próprio *espaçotempo* que habita. A linguagem e a narração de histórias têm um lugar central nesse processo de invenção do cotidiano. Para o autor, a contação de uma história:

Será uma arte de dizer: nela se exerce precisamente essa arte de fazer onde Kant reconheceria uma arte de pensar. Noutras palavras, será um relato. Se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo prática e teoria dessa arte. (CERTEAU, 2012, p. 140)

 Na “arte de dizer”, o ato de narrar as práticas seria uma “maneira de fazer” textual, que possui táticas e procedimentos próprios. E aqui reside nosso maior interesse na invenção de histórias, chamada também de “fabricação de histórias” (BRUNER, 2014) ou de “invenção do cotidiano”. (CERTEAU, 2012) A prática da narração de histórias é parte da essência humana e é a partir dessas invenções que criamos quando narramos, que se fundam a maioria das nossas relações e práticas cotidianas, bem como os nossos processos de subjetivação – ou de dessubjetivação.

 Os processos formativos por meio do cantovivência é um lugar onde a memória torna-se poesia e a poesia a memória, como cantando Leonardo Matumona e André Parisi (2016).

Meu lugar

O meu lugar não era aqui

Outro lugar bem longe

Deixei pra trás...amor demais

E uma saudade enorme

Cada um carrega o seu destino

Como emigrante... estou aqui

Trago no tempero a minha cultura

Quero ser feliz assim

Mas a condição de habitação

O ganha pão

Me faz pensar e agora?

se vou ficar, neste lugar

Ou novamente me mandar embora

Mas eu sei que ficar é possível

Basta toda a gente acreditar

Essa terra é de todos nós

Somos livres não importa em que lugar

Mas eu sei que ficar é possível

Basta toda a gente acreditar

Essa terra é de todos nós

Somos livres não importa em que lugar

(Fórum Social Mundial das Migrações, 2016)

Pensando assim "Somos livre não importa em que lugar", podemos observar tal movimentação nas cantoras, Bia Ferreira, Doralyce, Jup do Bairro, Bixarte dentre outras. A cantoviência como uma outra forma de produções narrativas é estabelecer um diálogo sobre esse processo formativo.

Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con) fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e, por isso, se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 8)

Acreditamos nisso porque compreendemos que tais criações exibem estéticas de existência fundamentadas na recusa à conformidade, no questionamento, na denúncia e na imaginação de alternativas possíveis. “Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso, mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso” (JUP DO BAIRRO, 2019).

Referências

ALVES, Nilda. Faz bem trabalhar a memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas. In: GARCIA, Alexandra.; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 207-217.

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra.; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.133-151

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. In: Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out-dez. 2010.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. 7.ed. Petrópolis, RJ:Editora vozes, 2008.

BRUNER, J. Fabricando histórias: direito, literatura e vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 20. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.
DORALYCE. Vamos Derrubar O Governo. Showlivre. Brasil. 2020 Suporte: 2 min e 45 seg. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vxAKWV1zW4Y. Acesso em 14 de julho de 2021.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: Malê, 2016
GORDON, Lewis. Bad faith and antiblack racism New York: Humanity Books, 1999.
ONU. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. 1950. Disponível em: <<https://www.acnur.org/>>. Acesso em: 30/05/2024.
SANTOS, Edméa. Pesquisa-formação na cibercultura. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

VILLANOVA, Victoria. NEGRAS ROTAS CULTURAIS NA DIÁSPORA AFROLATINA: UM DIÁLOGO INTERSECCIONAL ENTRE ELZA SOARES E SUSANA BACA. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Letras - Português) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2019.

1. Moise Kabamgabe foi assassinado em 2022 na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://l1nq.com/lyBXf>>. Acesso em 31/05/2024. [↑](#footnote-ref-0)